

**RODRIGUES, Graziela.** Da gira das pombagiras à emanção de personagens pelo Método BPI. Campinas: UNICAMP; Professora titular. Coreógrafa.

## RESUMO

Retomam-se neste ano as pesquisas de campo num terreiro de Umbanda, mais especificamente reencontros com uma potência feminina que se desdobra em vários nomes. São elas, a Pombagira Maria Mulambo, Pombagira Cigana, Táta Mulambo, dentre outras, e aquelas conhecidas de longa data, Maria Padilha e Maceió. Já se passaram mais de três décadas desde quando foi realizada a primeira pesquisa sobre o tema, e de lá para cá, em vários momentos se retornou a este mesmo campo. Teve-se a oportunidade de acompanhar a trajetória de uma pombagira, chamada Maceió, até a sua mudança de falange, quando não mais ocuparia o corpo do médium com a mesma representação e frequência. No exato momento em que Maceió saiu do corpo do médium, para sua nova travessia, incorporou nele uma Maria Padilha. Descrevem-se os reencontros com estas pombagiras. O foco desta pesquisa é aprofundar sobre o significado das pombagiras. A dinâmica do terreiro foi instaurada com seus rituais para possibilitar que tais entidades se manifestassem. Não há como isolar a entidade de seu público. É a interação entre eles que forma a estruturação de uma pombagira, sociologia da imagem corporal. O processo da entidade incorporada na Umbanda — fruto de toda a dinâmica do terreiro — elucida aspectos importantes do processo da personagem incorporada no método BPI. A pesquisa se dá realmente em outro lugar, nos terreiros também chamados de “macumba”. Então, pode-se atribuir a esta palavra “macumba” novos significados, tal como corpo profundo da personagem incorporada. Apontam-se alguns fragmentos que tal tema revela.

**Palavras-chave:** Dança do Brasil. Umbanda. Bailarino-Pesquisador-Intérprete.

**RODRIGUES, Graziela.** From the spinning of the Pombagiras to the Character Emanation Through DRP method. Campinas: UNICAMP; Senior Teacher.Choreographer.

## ABSTRACT

In this year the field researches were resumed in an Umbanda yard, more specifically the reunion with a female power that unfolds in several names. They are “Pombagira Maria Mulambo”, “Pombagira Cigana”, “Tata Mulambo”, among others, and those known for a long time as “Maria Padilha” and Maceio. There was more than three decades since the first research on the topic was performed and from then to now went back to this same research field various times. It was the opportunity to follow the trajectory of a “Pombagira”, called Maceió, up to hers phalanx change, when she no longer occupied the medium's body with the same representation and frequency. Just when Maceió left the medium's body to hers new crossing, he embodies a “Maria Padilha”. The reunions with theses “Pombasgiras” were described. The dynamics of yard were established with its rituals to enable such entities to manifest themselves. There is no way to isolate the entity from the audience. It is the interaction

between them that make up the structure of a “Pombagira”. Sociology of body image. The process of an embodied entity in Umbanda - the result of the dynamics of the yard - elucidates important aspects of the character included into the DRP method. The research takes place really in another place, in the yards also called “macumba”. Then you can assign new meanings to this word “macumba”, such as depth body of embodied character. It is raised some fragments that was revealed by this theme.

**Keywords:** Dance Brazil. Umbanda. Dancer-Researcher-Performer.

Dos terreiros do Brasil, fala-se daqueles que contêm o sentido de resistência cultural, onde se canta, se dança, se reza e se lembra de um tempo antigo, de quando emanam corpos cheios de vida e com movimentos essenciais. Ao reconhecê-los há trinta anos não se imaginou que o percurso fosse tão profícuo, e que se apresentasse, ainda hoje, a necessidade de continuar a pesquisá-los.

Como o eixo centralizador desta pesquisa atual é o intérprete, ou seja, o processo de seu desenvolvimento, os temas de pesquisa de campo são enunciados pelos seus corpos. Recentemente várias intérpretes com as quais se trabalha têm buscado o corpo dos terreiros como tema de pesquisa de campo. Uma delas trouxe de volta a temática da Pombagira da Umbanda.

Por mais que no presente momento se tivesse o propósito de trazer como principal foco os estudos de Imagem Corporal e de Psicanálise, a Umbanda se colocou à frente como uma perspectiva viva para a pesquisa com o método Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI). Entretanto, um estudo não inviabiliza outros, muito pelo contrário, eles se complementam, trocam-se apenas o lugar onde a pesquisa se dá. Compartilha-se com Marlyse Meyer (1993, p. 18):

Sonho com uma forma de conhecimento que pudesse adquirir e combinar adequadamente todas as informações e permitiria abordar, sob todas as faces, a entidade Brasil.

Neste ano, não se teve como deixar de retornar às pesquisas de campo dos terreiros e notadamente os de Umbanda, mais especificamente reencontros com uma potência feminina que se desdobra em vários nomes. São elas, a Pombagira Maria Mulambo, Pombagira Cigana, Táta Mulambo, dentre outras, e aquelas conhecidas de longa data, Maria Padilha e Maceió.

Já se vão mais de três décadas quando se realizou a primeira pesquisa sobre o tema, e de lá para cá em vários momentos se retornou a este mesmo campo.<sup>1</sup> Teve-se a feliz oportunidade de acompanhar a trajetória de uma pombagira, chamada Maceió, até a sua mudança de falange, quando não mais ocuparia o corpo do médium com a mesma representação e frequência. No exato momento em que Maceió saiu do corpo do médium, para sua nova travessia, incorporou nele uma Maria Padilha. Ninguém a conhecia, era a primeira vez.

---

<sup>1</sup> Trata-se do umbandista Carlos Alberto da Costa, cujo primeiro contato se deu em 1979, no Distrito Federal. Para a autora esta é a principal referência sobre o tema.

Ela veio rude. Seu movimento de forte impulso unia-se a um grunhido, não se entendia o que ela queria dizer. Tinha força, mas nada se desenhava em seu corpo. Ao longo de 24 anos foi se operando nela, no corpo desse médium, um desenvolvimento requintado. Como se uma pedra bruta tivesse sido burilada até atingir o brilho de um diamante. Uma história regressa foi sendo revelada como se o arquétipo de Padilha com toda a sua pujança fosse se instaurando, mas com uma identidade própria, ali naquele corpo, como sendo o seu lugar. A sua linguagem corporal e toda a sua atuação adquiriram uma profusão de detalhes que nenhuma outra pombagira, sendo Padilha ou não, poderia ser comparada a esta Maria Padilha.

Neste ano de 2011 retorna-se a este campo dada a necessidade de um projeto específico: “Brasis, de Fina Flor e Divino Amor”, com a bailarina Larissa Turtelli e direção da autora deste trabalho. Larissa realizou pesquisas de campo em aproximadamente 20 terreiros de Umbanda nas cidades de Campinas e em São Paulo por um período de cinco meses de forma intensa. Ao longo deste período, os laboratórios dirigidos referentes à etapa do método BPI, intitulado Co-habitar com a Fonte, apontaram respostas corporais intensas da bailarina. Sem dúvida, os terreiros pesquisados demonstravam ser bases preciosas para a proposta, todavia algo lhe faltava quanto experiência de campo quando, então, se toma a decisão de estender a pesquisa de campo para o terreiro referência da diretora, localizado no Distrito Federal. Um reencontro se fazia possível mais uma vez com as pombagiras Maceió e Maria Padilha por meio do umbandista Carlos Alberto da Costa.

A experiência durou três dias intensos. Diretora e bailarina junto ao pai de santo estiveram em função todo o tempo proposto. Alguns momentos foram mais privados, outros com um pequeno público formado de médiuns e pessoas, que ao saber da presença da “entidade em terra”, se dirigiam para o local. Nestes dias o terreiro estava voltado para esta pesquisa, não era uma sessão aberta ao público em geral. O foco das pesquisadoras era aprofundar sobre o significado das pombagiras.

A dinâmica do terreiro se instaurou com seus rituais para possibilitar que tais entidades pudessem se tornar presentes no corpo do médium. Impossível trazer o acontecimento por inteiro, porém apontam-se alguns fragmentos que tal tema revela. Segundo Mayer (p. 75):

[...] a literatura acadêmica propriamente dita propõem-se uma meta científica nem sempre compatível com o objeto, fugaz porque dinâmico, rebelde à fixidez da apreensão sistemática. É o que torna, aliás, tão difícil e insatisfatório para o leigo interessado, o acesso meramente livresco a um culto vivo em contínua invenção e reelaboração como é a Umbanda.

O último encontro com a Pombagira Maceió foi em 1988. Depois de 23 anos observa-se neste reencontro que os seus movimentos, a sua voz, enfim a sua atuação, estão em processo de metamorfose. Segundo o umbandista Carlos, que é quem a recebe, ela encontra-se num estado de transição, ainda respondendo como pombagira a caminho de virar uma entidade de outra falange, possivelmente da linha dos Caboclos. Uma pombagira vestida de

branco, literalmente, com xale branco e rosas brancas, porém os vestígios do que ela foi — vermelho e preto — ainda era possível de se ver, só que já esmaecendo para tons pastel. As cores fortes de todo o seu contexto haviam desaparecido. Quando lhe foi feita a pergunta sobre o significado de uma pombagira, ela indica que a autora deste trabalho leia o capítulo “Na Gira da Pombagira a Dança de Maria Padilha”, do livro<sup>2</sup> escrito pela mesma. Maceió interrompe a leitura no seguinte trecho: “Para Maria Padilha não há o amanhã, não há ontem, há o agora, o ritual que vai começar abrindo espaço para a sua atuação”. Em seguida lança o olhar para Larissa e diz: “Isto foi para você. Tudo está aqui, agora é seguir adiante e trabalhar”. Ou seja, com este ato ela considera o conteúdo aprendido até então e propõe uma continuidade. Mais do que isto, o significado da pombagira como sendo o reconhecimento do aqui e agora, fruto de intrincadas relações. Das relações médium, entidade e público fecunda uma criação, uma “bricolage” (trabalho intermitente, movimento de ir e vir).

Um vazio, um desconforto, um contentamento. Uma interrogação se forma. Por fim, a Pombagira Maceió se dispõe a seguir junto à diretora e à bailarina formando um trio para a criação do novo espetáculo.

O encontro com Maria Padilha das Sete Encruzilhadas do Cemitério ocorre ao longo dos três dias. Há um espaço só para ela, onde estão os seus pertences. Ela se considera irmã de Maceió. Num dado momento ela pergunta: “Lembra de como eu cheguei?” Ela se refere à primeira vez em que incorporou no médium. Como não se lembrar de sua trajetória e o desenvolvimento de sua atuação? Uma vida completa se desenrola em sua performance atual, como se o movimento de construção e de desconstrução de suas imagens corporais fosse um quebrar de ondas ininterrupto. Cenografia, trilha sonora, figurino, adereços e perfumes compõem uma sedutora e poderosa imagem feminina. Trabalhando com os seus dados lança-os à mesa: “Eu quero um nove, eu quero um seis, eu quero um doze, mas se você não tirar vamos tirar juntas”. A cumplicidade, o afeto incondicional, a verdade nua e crua doa a quem doer, são marcas de sua relação afetiva, presente ao longo de sua atuação. A troca do afeto num aperto de mão, num abraço bem dado, numa vibração repassada ao outro. Uma pessoa da assistência deixa escapar: “Cuide de meu filho”. E ela responde: “Nosso filho! Vamos ver como anda o nosso filho”. Ninguém se sente sozinho com a Padilha em terra, seu corpo afetivo é expandido e acolhedor, sem distinção, ela acolhe todas as pessoas. Perto dela, todos se sentem pessoas especiais. Vai recebendo afagos com abraços. Pequenos e grandes impulsos vão saindo de partes de seu corpo num movimento que é distribuído entre os demais. Há contato corporal em suas vibrações. Uma eletricidade sentida na pele. “Eu não sou Deusa, eu não sou maga, eu não sou bruxa. Eu sou elementar. Eu sou imperfeita.” Com esta fala, Padilha se iguala aos demais, ela não se encontra num pedestal. Mais uma imagem da Senhora Padilha é quebrada para que outra se forme. A envolvimento alcança um nível que a conversa chega a tons de intimidade. Esta proximidade e esta aderência,

---

<sup>2</sup> RODRIGUES, G. Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Processo de Formação. Editora Funarte. Rio de Janeiro, 1997.

que é corporal, era o que faltava para a bailarina vivenciar. Isto é transfusão de dança. Padilha a percebe e diz: “Eu não sei se você está assustada, encabulada, encantada porque você já viu muitas pombagiras, mas uma pombagira conversando como duas mulheres é novidade, né?”.

A dinâmica do terreiro formada por aqueles que recebem a entidade e a assistência ou público é o que resulta no desenvolvimento do corpo da entidade. Não há como isolar entidade de seu público. É a interação entre eles que forma a estruturação de uma pombagira. Sociologia da imagem corporal.

A personagem que começa a emanar deste percurso do projeto “Fina Flor, Divino Amor”, não é uma representação literal de uma pombagira, mas o sumo das experiências vividas nos terreiros, emanadas do aqui e agora. Todavia, sem medo de ser, com densidade, eletricidade e sagacidade.

O processo da entidade incorporada na Umbanda — fruto de toda a dinâmica do terreiro — elucida aspectos importantes do processo da personagem incorporada no método BPI. O aumento da expansão do corpo extrapola a imagem do corpo em si e ganha expressividade no processo de incorporação e desincorporação. A desincorporação traz a dimensão daquilo que foi incorporado<sup>3</sup>. Importante lembrar que as análises feitas referem-se às representações no corpo da pessoa.

Ao abordar este viés de pesquisa relacionado ao corpo dos terreiros do Brasil percebe-se no meio da “dança oficial contemporânea” um sentimento de certo desconforto, como se fosse um assunto fora de lugar. A referência de outro lugar, distante deste, é forte. Na aplicação do método BPI se quer alcançar a potência do corpo. Esta pesquisa se dá realmente em outro lugar, dos terreiros também chamados de “macumba”. Então, pode-se atribuir a esta palavra “macumba” novos significados, tal como corpo profundo da personagem incorporada. As pesquisas de campo que aqui são realizadas inserem o bailarino numa dramaturgia de vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEYER, M. **Maria Padilha e toda a sua quadrilha**: de amante de um rei de Castela a Pombagira da Umbanda. São Paulo: Duas Cidades. 1993.

RODRIGUES, G. **Bailarino-Pesquisador-Intérprete**: processo de formação. Rio de Janeiro: Funarte, 1997. (Reedição 2005).

\_\_\_\_\_. **O Método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete) e o desenvolvimento da imagem corporal**: reflexões que consideram o discurso de bailarinas que vivenciaram um processo criativo baseado neste método. 2003. 171p. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

---

<sup>3</sup> Sobre o sentido incorporar e desincorporar ver Rodrigues, (2003 e 2005).